

VICENTE

COLECÇÃO DIRIGIDA POR OSÓRIO MATEUS

José Camões
PURGATÓRIO

Quimera

LISBOA 1993 | e-book 2005

um auto

Em três anos consecutivos, Gil Vicente faz representar quatro autos sobre o mesmo tema – o julgamento das almas. É uma série que se produz reempregando um mesmo modo de construção com repetições e diferenças. Dois deles celebram natividades, admitindo que em 1517 *Inferno* possa ter sido homenagem a D. António, filho do rei, e em 1518 *Purgatório* festeja o nascimento do filho de Deus. Ambos se representam para quem está doente: o primeiro, a dar fé à rubrica da edição de 1562, na câmara de uma rainha moribunda, D. Maria, segunda mulher de D. Manuel, e o segundo num hospital. Os outros dois, *Alma* (1518) e *Glória* (1519), festejam a redenção das almas pela morte de Cristo e representam-se, na Páscoa, para a corte.

A rubrica inicial de *Pugatório* diz-nos que *Esta segunda [cena] foi representada à muito devota e católica rainha dona Lianor*. É a última vez que se menciona a rainha D. Leonor numa rubrica da *Copilaçam* e pode coincidir com a última em que assiste a teatro de Gil Vicente. Mas é possível que na Páscoa de 1519 ainda tenha visto *Glória*. O rei D. Manuel não assiste à representação.

um nome

Todas as figuras que, em *Purgatório*, vão ter às barcas para ser julgadas e têm nome se chamam *Gil*. O nome próprio surge em diversas ocasiões. O apelido do autor nunca. O Lavrador, em abono do seu bom comportamento, declara: *a Gil fiz todo reparo*, podendo ler-se *a Gil* como *a mim*, *ao autor*. A Regateira chama-se Marta Gil e é imediatamente reconhecida pelo Diabo, mesmo antes de falar: *Venhais embora Marta Gil*. A mesma leitura que se faz para as palavras do Lavrador pode ser aplicada às do Pastor: *e tudo s'a Gil fará \ com bom tento*. Parece tratar-se de uma alusão, mas a quê? Ao facto de o autor não participar na representação ou de representar todos os possíveis passageiros? Note-se que, ao contrário do que acontecia em *Inferno*, as almas, depois de terminarem o seu «número», já não participam nos seguintes. Se as figuras não ficam à vista do público, é possível o desdobramento do actor; se realmente ficam expostas na *praia purgatória*, cada personagem terá que ser representada por um actor diferente. São, ao todo, onze ou doze actores, se o Anjo que fala não é nenhum dos três primeiros cantores.

Noutros autos, algumas figuras associam Gil Vicente à actividade teatral: *Festa, Templo, Físicos, Pastoril Português, Lusitânia*.

um espaço

Segundo a didascália inicial da *Copilaçam, Purgatório* foi representado no Hospital de Todos os Santos da cidade de Lisboa. Este hospital situava-se no lado oriental do Rossio, sensivelmente no lugar onde se encontra hoje a Praça

da Figueira. A fachada da Igreja, com escadaria de três faces, ocupava o actual quarteirão sul, que faz esquina com a rua da Betesga. Supõe-se que a representação tenha tido lugar na capela do Hospital. No texto não existem referências directas ao espaço de actuação. No entanto, o facto de estar incluído no livro das obras de *devação* pode indicar que foi representado num espaço sagrado, igreja ou capela, traço distintivo daquelas obras, como deixa perceber a introdução editorial de *Inferno* em 1562.

Mário Carmona (1954: 200-201) dá indicações da topografia da igreja: tinha uma só nave, sem capelas laterais, com tecto de madeira e com janelas para as varandas dos claustros. *A capela-mor da igreja, muito alta e larga, ficava no fecho da cruz do edifício e por três janelas ou tribunas que nela havia, ouviam a missa no altar-mor os doentes das três enfermarias, que formavam os outros três braços da cruz: S. Vicente, a da cabeceira, no prolongamento da nave para o nascente, (febres – homens com 22 camas), S. Cosme (feridos – homens com 18 camas), no braço sul e Santa Clara (mulheres com 20 camas), no braço norte.*

Assim, os doentes podiam assistir das camas à missa e, quem sabe, ver ou ouvir o auto. Pode ser significativo que a representação de *Purgatório* decorra num espaço hospitalar com público a sentir de perto a doença ou a morte. Já em 1504 Gil Vicente tirara partido de um espaço congénere, quando fez representar *Martinho* na igreja do Hospital das Caldas. A proximidade dos doentes servia os propósitos do auto, a ilustração da caridade. É possível que *Purgatório* também comporte uma função didáctica semelhante.

um ano

Informa a didascália que o auto foi representado na *Era do senhor de 1518 anos*. Em Abril deste ano, aceitando a cronologia proposta por alguns estudiosos que rectificam a data impressa na *Copilaçam – 1508 –*, Gil Vicente tinha apresentado *Alma* numa capela do Paço, e podemos encontrar pontos de contacto entre os dois autos. Algumas ideias expressas por personagens de *Purgatório* tinham já sido veiculadas pela *Alma*, como, por exemplo, a ausência de maldade na conduta em vida do *Lavrador*. À semelhança da *Alma*, ele fez o que via fazer.

A representação de *Purgatório* coincide com o casamento do rei com Leonor de Áustria, na vila do Crato. Em Almeirim houve *grandes festas, de touros, canas, serões, e outros passatempos até ao começo do verão* às quais assistiu o rei com a sua corte, como conta Damião de Góis na *Crónica de D. Manuel I*.

Apesar de a celebração régia ter tido lugar fora de Lisboa, não é descabido pensar que a capital manifestasse o seu júbilo e preparasse festas para assinalar o acontecimento. Francisco Henriques ocupava-se da *pintura das bandeiras para a entrada solene da rainha D. Leonor em Lisboa* (Freire 1919, 1944: 125). Sabe-se que a nova rainha só entraria em Lisboa em

Janeiro de 1521 e que nessa data a capital do reino a recebeu com pompas organizadas por Gil Vicente.

1518 foi ano de peste em Lisboa. Damião de Góis, na sua *Crónica de D. Manuel I*, refere a *peste que invadiu a cidade* em Agosto e que foi mais forte que as anteriores. Desta data podem também ser as trovas que Gil Vicente faz ao conde de Vimioso e que o editor conta terem sido compostas *em tempo de peste*.

D. Manuel, como era costume, viaja fugindo dos pólos de infecção. Vai para Sintra, Colares, Torres Vedras e Almeirim. No ano seguinte, por altura da Páscoa, encontra-se novamente em Almeirim e assiste ao terceiro auto com barcas: *Glória*. É improvável que tenha regressado a Lisboa em tão curto espaço de tempo, entre os finais de 1518 e os primeiros meses de 1519. Pode, portanto, deduzir-se não ter sido espectador de *Purgatório*. Mas recorde-se que na edição solta de *Inferno* a didascália diz que foi *composto per Gil Vicente por contemplanção da sereníssima e muito católica rainha dona Lianor nossa senhora e representada per seu mandado ao poderoso príncipe e muito alto rei dom Manuel*. Esta informação pode ler-se como referente a dois espectáculos para espectadores diferentes. Não seria caso único no trabalho de Gil Vicente. Com *Alma*, auto da mesma série, parece ter acontecido o mesmo: *foi feito à muito devota rainha dona Lianor e representada ao muito poderoso e nobre rei dom Emanuel seu irmão por seu mandado*. A repetição de *Fama* é factó aceite.

A actualidade da doença é tão pertinente que se imiscui discretamente no auto. O aspecto do Diabo leva o Pastor a suspeitar de peste: *Sois busaranha \ e mais fede-vo-l' o bafo \ e jogatais de gadanha \ e tendes modão d'aranha \ e samicas sereis gafo*. A suspeita deve ser insultuosa, já que o Diabo pergunta, talvez indignado: *Gafo eu?*

Penso ser também a proximidade da peste que motiva parte do número do Menino. O Anjo, perante tão frágil e inocente passageiro, parece duvidar da justiça de Deus. Pode tratar-se de um exemplo para consolação das mães que viam morrer os filhos ainda em idade inocente:

Menino . *Fica minha mãe chorando
só porque m'eu vim de lá.*

Anjo . *Mas fica desvariando
que tu és do nosso bando
e pera sempre será*

*fez-te Deos secretamente
a mais profunda mercê
em idade de inocente
eu nam sei se sabe a gente
a causa por que isto é.*

Natal

Como acontece com tantos autos de Gil Vicente, também *Purgatório* se representa *nas matinas do Natal*, a primeira hora canónica depois da meia-noite, a seguir ao ofício divino para celebrar o nascimento de Cristo. E, também a exemplo de outros autos, o instante representado coincide com a hora da representação. São várias as palavras que o indicam: *noite*, *serão* e *festa*, tendo em conta que este vocábulo designa, em muitos autos de Gil Vicente, a celebração do nascimento de Cristo.

A noite pode ainda estar referida directamente, como efeito cénico, em *este rio é mui escuro*. Para além de metáfora do mal desconhecido, o verso produz efeito de real se for proferido em ambiente com pouca luz, fazendo coincidir a realidade do espaço com a representação da alegoria.

Logo no início, o Natal é anunciado pelo Anjo:

e o batel dos danados 50a
porque nasceu hoje Cristo
está c'os remos quebrados
em seco (...)

e será, quase sistematicamente, invocado pelas outras figuras. O Lavrador pensa que Cristo o poderá salvar *neste serão glorioso \ que é grão refúgio sem falha*. Marta Gil reza a Nossa Senhora «lembrando-lhe» os poderes especiais daquela noite:

e vós virgem do rosairo 52a
polo filho que Deos vos deu
esta noite vosso e seu
haja repairo

esta é a noite que paristes
benta a hora em que nacestes
esqueçam meus males tristes
polo menino que vestistes
e embolvestes

e este serão glorioso 52b
nam é de justiça nam
mas todo mui piadoso
em que nasceu o esposo
da humanal geração.
e a barca de Satam
nam passa hoje ninguém

O Pastor recorda os primeiros eleitos para a adoração, ao mesmo tempo que zomba da incapacidade do Diabo:

*esta noite é dos pastores
e tu decho estás em seco
e salvam-se os pecadores
criados de lavradores
e tu estás coma peço.* 52d

*Nam podes nada fazer
na noite que quis nacer
Cristo filho de Davi.* 53a

Até o Tافل evoca aquela noite em duas interrogações, revelando alguma esperança: *Deos nam quis hoje nacer \ por remir os pecadores? e deste santo nascimento \ nam terei alguns favores?*

Por outro lado, o Natal é lamentado pelos Diabos que se sentem impotentes naquele serão. Logo no princípio do auto, o Diabo espanta-se com tal novidade:

*e que é isto na màora?
e o batel está em seco
oh renego de Zamora* 50b

*o rio s'encaramelou
nunca tal m' aconteceu*

e é o Companheiro que o elucida e dá a triste notícia:

*mas sabe que este serão
é pera nós grande praga
e trabalhamos em vão
porque a promessa d'Abraão
hoje é a paga.*

O Diabo surpreende-se de não ter conseguido fazer embarcar o Lavrador, lembrando-se talvez da *viagem primeira* em que tivera muito mais sorte:

*Ind'esta barca nam nada
que festa esta pera mi
nunca tal balcarriada
nem maré tam desestrada
nesta ribeira nam vi.* 51c

Os versos em que o sentimento de impotência mais se revela no discurso do Diabo são os dirigidos a Marta Gil, primeiro em tom de desespero: *Valha-te a ti Marta amiga \ que estamos enfeitizados*, depois em tom de esperança: *Passará esta fadiga \ seremos desembargados* e ao Pastor, revelando uma

resignação contrariada: *nam estou em meu poder \ pera me vingar de ti*. Estas referências à incapacidade de as forças do mal actuarem na noite do nascimento de Cristo estão presentes em quase toda a literatura e teatro ocidentais dos séculos XVI e XVII, como, por exemplo, na fala do soldado Marcellus em *Hamlet* (I, 1: 158-164), de Shakespeare, que lembra os poderes mágicos da noite de Natal:

*Some say that ever 'gainst that season comes
wherein our Saviour's birth is celebrated,
this bird of dawning singeth all night long;
and then, they say, no spirit dare stir abroad,
the nights are wholesome, then no planets strike,
no fairy takes, nor witch hath power to charm,
so hallow'd and so gracious is that time.*

Apesar de não haver indicações sobre o espaço de representação, o Natal pode estar lembrado no aspecto da igreja com o chão juncado, como era habitual nas festividades religiosas. O Diabo quer preparar a barca de modo a poder receber galantemente os passageiros: *e arrumar a caravela \ e deitar do junco nela*. O Lavrador, para o repelir e não pecar, substitui, como era uso e costume, a evocação de um santo numa jura irada por um nome qualquer, desta feita por aquilo que vê, dando a ideia de ser a primeira coisa que lhe vem à cabeça: *Juro a sam Junco sagrado*.

figuras e uma língua

A didascália informa o leitor que o auto *trata-se per lavradores*, o que não é exactamente correcto pois há também pastores, como noutros autos de Natal. Na verdade, a primeira personagem a pretender embarcar para o Paraíso é um Lavrador. As outras que se lhe seguem podem também pertencer às áreas da agricultura e da pastorícia, como a Regateira que mercanciava com produtos agrícolas. Várias vezes o Diabo lhe chama *lavradora* e ela própria assim se define numa prece à Virgem, embora nesses versos o termo possa adquirir outros significados. A terceira personagem que chega para embarcar é um Pastor. A Moça chama a rubrica uma *pastora menina* e ela própria também assim se apresenta numa réplica que sinonimiza pastor e ingénio: *cuidais que m'hás-d'enganar \ porque assi me vês pastora*. Quanto ao Menino podemos, com alguma boa vontade, ver marcas de rusticidade na sua linguagem: o advérbio *entonces*, a simplificação do ditongo na terminação da segunda pessoa do plural em *querês*, e a familiaridade que reflecte o adjectivo possessivo de *o nosso Joane*. O Taful não tem, obviamente, nada a ver com aquele mundo pastoril e mais parece uma figura prevista para *Inferno*, auto que encena personagens da sociedade urbana, mas que sobrou. Pode ser 1518 o primeiro ano em que os pastores falam em português no teatro de Gil Vicente. Mas se a data indicada na rubrica de *Fama* estiver certa, ao contrário do que a esmagadora maioria dos estudiosos crê, então é

nesse auto que a língua portuguesa é, pela primeira vez, língua pastoril na figura da *Fama* pastora. E nesse auto, mais do que em *Purgatório*, o idioma tem significado, pois o objecto de louvor é Portugal, ou a condição portuguesa. No primeiro teatro de Gil Vicente, os pastores falavam um castelhano contaminado por traços do saiguês, facto que leva os críticos, a começar por Garcia de Resende, a verem em Juan del Encina as fontes de inspiração de Gil Vicente. Luciana Stegagno-Picchio (1988, 1992: 160-161) vê os primeiros autos com um «*estilo pastoril*» sayaguês, *ainda ibéricos sem diferenciações e medievais na sua estrutura de éclogas dramáticas. Mas isso permite ao autor inventar aquela língua rústica portuguesa que, a partir deste momento, será uma das suas criações mais originais e exclusivas.*

Em 1517, Gil Vicente tinha feito desfilar personagens socialmente heterogéneas. Em 1518, o estatuto socio-económico dos mortos é mais homogéneo. Durante a representação de *Inferno*, para além de o diálogo dizer quem são as personagens, as figuras, no momento em que o público as via, podiam ser identificadas através do vestuário ou de objectos que transportavam e que estavam directamente relacionados com a sua actividade na vida terrena. O mesmo processo é utilizado em *Purgatório*. O Lavrador traz um *arado às costas*, a Regateira Marta Gil um *canistrel*, o Pastor um *cacheiro na mão*, a Moça pastora refere um cão que perdeu ao passar a morte e o Tافل traz, provavelmente, um baralho de cartas. Para Stephen Reckert (1977: 90), estes objectos, com excepção *del Tahul con sus naipes, emblema de su errada fe en la suerte*, nada têm de simbólico, ao contrário do que acontecia em *Inferno* onde os objectos simbolizavam os pecados cometidos pelas personagens. No entanto, importa salientar que o adjectivo *carregado*, metonímico de pecados, permite ver no número do Lavrador uma dupla significação: o arado, instrumento que o identifica com trabalho honrado, e os pecados.

Diabo	. <i>Pois por que vens carregado?</i>	50c
Lavrador	. <i>Por que seja conhecido por lavrador muito honrado e tenho a glória merecido que sempre fui perseguido e vivi mui trabalhado</i>	

O mesmo acontece com Marta Gil. O cabaz que utilizava no seu comércio especulativo carrega agora os pecados que cometeu:

Marta Gil	. <i>Anjos bem aventurados meterei o canistrel que trago os testos britados carregam estes pecados que fazem lançar o fel a bocados.</i>	52a
-----------	--	-----

Por fim, o Taful, depois de desprezar as palavras do Diabo,

Vai-se à barca do paraíso e diz:

54c

*haverá cá piedade
dum homem tam carregado?*

A identificação de uma personagem por meio de sinais exteriores que a caracterizam é processo corrente no teatro de Gil Vicente e nas artes pictóricas da Idade Média. As personagens «reais» de *Purgatório*, de *Inferno* e, sobretudo, de *Glória*, onde são trazidas pela Morte, encontram-se «retratadas» em diversos Livros de Horas dos finais do século XV e princípios do XVI. Mário Martins (1969: 236-295) chama particularmente a atenção para a semelhança entre estas figuras e as da «Dança Macabra» das *Horas de Nossa Senhora* que Fr. João Claro traduziu para português em 1500 e de outras que acompanhavam outros Livros de Horas, principalmente os editados por Simon Vostre a partir de 1488, com especial relevo para as *Heures a lusaige de Romme* de 1502. Nestas últimas, o Lavrador é representado no papel com uma enxada às costas com a legenda *Le laboureur*; a Regateira tem um cesto ou cabaz à cabeça, um saco apoiado no braço e a legenda *la femme de village*; a Moça pastora fazendo festas a um cão e a legenda *La bergere*; o Menino deitado num berço com a legenda *L'enfant*. Não há figura específica de Pastor nem de Taful. No entanto, o primeiro encontra-se na *Grande Danse Macabre des Hommes et des Femmes* de 1486. No que diz respeito à última personagem, Mário Martins põe duas hipóteses: ou é inspirada numa de três figuras – *enamorado*, *escudeiro*, *menestrel* – ou talvez pertença, quase de todo, à fauna de Gil Vicente. Mas é caso único, na segunda Barca.

Purgatório

Da análise dos textos dos autos pode concluir-se que para Gil Vicente o Purgatório é, simultaneamente, um espaço e um tempo, o tempo de espera num cais de embarque. É esperar e não embarcar.

Os três autos com barcas – *Inferno*, *Purgatório* e *Glória* – passam-se no Purgatório. Este lugar «físico» tinha sido referido em *Inferno* no diálogo entre o Diabo e o Enforcado que identificava, ainda em vida, a prisão do Limoeiro com o Purgatório. No mesmo auto, o Anjo tinha condenado Joane a esperar *entanto per i*. O advérbio de lugar será substituído em 1518 por *praia* ou *ribeira*. É de salientar que naquele verso surgem associados o verbo esperar e um espaço.

Mas é em 1518 que o Purgatório surge como uma instância nova, um destino (provisório) que não é o Paraíso nem o Inferno e para onde não há barca – há só ficar em cena na margem do rio, à espera de outro destino que há-de vir depois do fim do auto.

Em *Inferno*, à excepção dos cavaleiros, nenhuma outra personagem tem direito à Glória. Num primeiro momento parece ser também esse o destino do

parvo Joane. Não sabemos se a lotação da barca ficou completa com a chegada dos Cruzados ou se ainda houve lugar para Joane. Se não, a espera de Joane pode ter inspirado *Purgatório*.

Na crença cristã, o destino das almas – Paraíso ou Inferno – é decidido no Juízo Final. No entanto, nos finais do século XII e princípios do XIII começa a instaurar-se a noção de pecados veniais. Santo Agostinho já tinha dividido os cristãos, segundo a sua conduta durante a vida, em quatro categorias (adopto a terminologia da tradução portuguesa do estudo de Jacques Le Goff 1993): os *inteiramente bons*, os *inteiramente maus*, os *não inteiramente bons* e os *não inteiramente maus*. Mais tarde estas duas últimas categorias simplificar-se-ão em *medianos*. Fica assim construído um sistema de correspondências: os primeiros terão o Céu, os segundos o Inferno e os terceiros o Purgatório. Este último destino é sempre provisório, já que as almas que lá esperam estão à partida salvas e o seu destino definitivo será o Céu. O Purgatório surge pois como uma espécie de Juízo Menor onde são analisados e expiados os casos menos graves, os pecados veniais. É essa certeza de salvação que leva algumas figuras do auto de Gil Vicente a não entenderem o Purgatório. Assim, depois de ter sido condenado à permanência transitória na praia, o Lavrador não percebe aquela espera, tanto mais que até conhecia a letra do Evangelho:

perol o evangelho diz: 51b
quem for bautizado e crer
salvus es.
(...)
. Bofá logo quisera eu
que m'atromenta este arado
e dera muito do meu
pois que já hei-de ser seu
tirar-me deste cuidado.

Depois deste manifesto de vontade, o Lavrador dirige o seu discurso ao Mundo, retomando o tópico, muito caro a Gil Vicente, de a vida ser um engano.

O comentário do Pastor, reflexo da sua incapacidade de descodificar a simbologia do fogo purgatório, pode mesmo chegar a provocar o riso:

Pastor . *E quando parte o navio?* 53b
senhor s'eu nam tenho frio
pera que hei-d'estar ardendo? 53c

Finalmente, a Moça expressa uma perplexidade muito parecida com a do Lavrador, pois a lógica divina não se enquadra no seu pensamento rústico:

Moça . *Tam moça hei-de ficar cá?* 54a
nam parece isso rezão.

A Regateira Marta Gil é a única figura que parece ter um saber sobre o Purgatório. Sabe que é através da oração e do arrependimento que poderá salvar-se. Acatando o conselho proposto pelo Anjo no início do auto, dirige uma prece à Virgem e, na última estrofe da sua intervenção, assume um discurso bastante sério, e até nobre, em contraste com o tom cómico-insultuoso com que interpelara o Diabo e o tom bajulador que reservara para o(s) Anjo(s). Evidencia-se neste passo o fervoroso culto mariano de Gil Vicente. O comportamento de Marta Gil reflecte quase directamente o pensamento de S. Bernardo: a redenção pela oração e o culto da Virgem.

Luciana Stegagno-Picchio (1988, 1992: 159) interroga-se: *O Purgatório de Gil Vicente: estado ou lugar?*, fazendo desta pergunta o título da tradução portuguesa do seu artigo de 1988. Depois coloca uma nova questão: *Espaço ou tempo?* A resposta que encontra é: *No meio* [entre Inferno e Paraíso], *dando vida a uma tripolarização que, além disso, é temporal e não espacial, de estado e não de lugar, o Purgatório.* No entanto, é possível ver na *ribeira* ou *praia* o próprio local que Gil Vicente imaginou como sítio do Purgatório, como nome e não apenas adjectivo. Numa encenação que quer explicar a passagem da morte para o além, e onde se figura um cais de embarque, que melhor espaço para a metáfora da espera do que o próprio cais? É verdade que na boca do Anjo a palavra é adjectivo em *praia purgatória*, mas também é verbo em *purgando nessa ribeira* ou *purga ao longo da ribeira*. O meio da purificação é o fogo. Os teólogos medievais eram unânimes. E o fogo surge verbalizado em três ocasiões no auto de Gil Vicente: na especificação das sentenças de Marta Gil:

isto até que o senhor queira 52b
que te passemos o rio
será tua dor lastimeira
como ardendo em grão brasio
de fogueira.

do Pastor:

purga ao longo do rio 53b
em grão fogo merecendo.

e do Taful:

ó pranta de má semente 54d
arderás no fogo ardente
com toda a ira de Deos.

É evidente que este último *fogo* não é o mesmo que os anteriores. Aqui fala-se do Inferno, fogo que consome eternamente, e nas outras duas ocorrências indica-se o meio purgatório.

Luciana Stegagno-Picchio (1988, 1992: 171) vê na conjunção comparativa do primeiro fragmento transcrito a prova da metaforização do Purgatório, da instauração do *tempo* e do *estado* em detrimento do *espaço* e *lugar*. Mas não sabemos que materiais utilizou Gil Vicente na apresentação do seu auto e podemos supor a existência de fogo real (ou figurado) naquela praia, expressando um pensamento que acreditava num Purgatório lugar.

A discussão teológica sobre o Purgatório era também de grande actualidade. Oitenta anos antes, em 1439, o Concílio de Florença *definiu a existência de um estado de purificação para as almas daqueles que tendo morrido em graça não satisfizeram plenamente pelos seus pecados; essa purificação realiza-se por meio do sofrimento, e as almas que se encontram a penar podem ser ajudadas pelos sufrágios dos vivos – D. S. 1304 –* (citado da *Enciclopédia Verbo*).

Em 1517, Lutero tinha afixado as suas teses. Um dos temas católicos mais atacados fora precisamente o Purgatório e tudo o que a Igreja de Roma industriava relacionado com esta instância, sobretudo as indulgências para mortos. A tese número dez indica que *procedem desajuizadamente e mal os sacerdotes que reservam e impõem aos moribundos poenitenciais conones ou penitências para o purgatório a fim de ali serem cumpridas*. As teses número dezassete e trinta e sete apontam no mesmo sentido crítico.

uma não-trilogia

O auto é geralmente conhecido como *Auto da Barca do Purgatório*. Desde muito cedo a crítica moderna deu conta do absurdo de tal título: não existe nenhuma barca do Purgatório. Já em 1912 Brito Rebello tinha chamado a atenção para tal facto. Na *Copilaçam* de 1562, a rubrica escreve: *Esta segunda é atribuída à embarcação do purgatório*. O sintagma *Esta segunda* refere-se a *parte* ou *cena* e vem na sequência da introdução de *Inferno*, onde os três autos são apresentados como uma unidade, como um projecto concebido em trilogia, constituindo cada um deles uma parte a que a rubrica de *Inferno* faz corresponder uma *embarcação*. Podemos tomar o nome como embarque e não como barca, mas, mesmo assim, não faz muito sentido. Na *Taboada, Purgatório* vem indicado como *barca segunda*. Pode ser transcrição literal feita de uma folha volante. Sabe-se que existiu um folheto que circulou em vida do autor. Em 1986, Arthur L. F. Askins deu conta de uma entrada registada no *Abecedarium* e no *Supplementum* que Hernando Colón organizava para a sua biblioteca de Sevilha: *Barca segunda en coplas portuguesas del autor de la p.a. – Remando vam Remadores barco de grande*. Cedo se gerou o conceito de *trilogia* em relação aos três autos com barcas. Stephen Reckert (1977: 88) adverte que *el título tradicional podría justificarse si por barca entendiéramos el género semidramático popular de ese nombre, bastante divulgado en las postrimerías de la Edad Media*.

extensões

O «prólogo» constituído pelo diálogo, ou solilóquios, entre Anjo e Diabo é muito mais extenso do que em *Inferno*, onde o primeiro passageiro surge passados 20 versos, contra os cerca de 120 que tem de esperar o Lavrador de *Purgatório*.

A duração de cada número do auto composto pela chegada de uma personagem à ribeira, a partir do início do diálogo que trava com o Anjo e o Diabo até ouvir a sentença não é sempre igual, pelo menos em número de versos. Começa por ser muito equilibrada: ao Lavrador correspondem 169 versos, à Regateira 143, ao Pastor 162, à Moça 106, para depois serem apenas dedicados 35 versos ao número do Menino e 80 ao do Taful. Será que a personagem do Menino era efectivamente representada por uma criança, sendo, por isso, o número de versos tão reduzido, de maneira a ter em consideração a menor capacidade de memorização de um pequeno actor?

Uma diferença teatral entre os dois autos consiste na maior simplicidade de *Purgatório*. Ambos apresentam um desfile de figuras que desenham um percurso, mais complexo em *Inferno* já que as personagens depois de serem recusada a entrada na barca do Anjo têm de dirigir-se novamente à barca do Inferno. Em *Purgatório*, o caminho é de sentido único, não há retorno à primeira barca. Quando uma personagem recém-morta surge, limita-se a fazer o percurso até cada uma das barcas e, terminado o seu número, não volta a intervir. Em *Inferno*, as situações de fala e intervenção eram mais complexas. As personagens que chegavam ao cais de embarque, para além de interpelarem quer o Anjo quer o Diabo, dialogavam entre si. Em *Purgatório*, esse tom quase farsesco, proveniente da interferência de certas personagens no discurso de outras, é abandonado para, talvez, realçar o carácter didáctico do auto. A atenção do espectador é canalizada para o julgamento das almas, com poucos momentos propícios ao riso.

memórias

Antes da entrada da primeira figura candidata a um lugar na barca do Paraíso, refere-se por duas vezes a representação de *Inferno* no ano anterior. Apesar de grande parte do público de 1517 não estar agora presente, os versos trazem à memória de quem assiste – pelo menos D. Leonor – a *viagem primeira*. Só assim os versos fazem pleno sentido, antes de estarem impressos para leitura. Uma das vezes é o Diabo, logo na primeira fala, que se alegra por o novo navio ter uma capacidade maior do que o anterior. Corresponderia a uma realidade cénica?

agora que está breado 49c
de novo o caravelão
espalmado e aparelhado
mais largo bô quinhão
que o passado 49d

Depois é o Anjo, também na sua primeira intervenção falada, durante a qual resume o resultado da travessia anterior.

*que na viagem primeira
quantos vistes embarcados
todos foram alagados
no mais fundo da ribeira
são penados* 50a

No último número, nas palavras com que o Diabo recebe o Taful, pode ler-se uma referência ao destino que esta personagem poderia ter tido em *Inferno*, se tivesse chegado a ser figura daquele auto. Sendo assim, estaria condenada a embarcar perpetuamente para o Inferno.

*. Ó meu sócio e meu amigo
meu bem e meu cabedal
vós irmão ireis comigo
que nam temestes o perigo
da viagem infernal.* 54c

Mas *viagem infernal* pode designar *a morte*, o momento em que se morre, já que o percurso, nas palavras do Diabo de *Inferno*, é primeiro passar a morte e depois o rio. A transição da vida para o Além também é referida por outras personagens de *Purgatório*, que repetem a mesma sequência: referem o momento da morte, a primeira figura com que deparam é o Diabo e só depois avistam o Anjo.

músicas

As primeiras palavras proferidas no auto são cantadas. Trata-se de um romance a três vozes entoado pelos Anjos. Manuel da Costa Fontes (1984: 289-290) considera-o uma adaptação do romance *Barca bela* que seria já da tradição oral nos finais do século XV. No ano seguinte, o último auto da série – *Glória* – vai ter uma abertura idêntica, embora não haja registo dos versos cantados: *entram quatro Anjos cantando e trazem cinco remos*.

Volta a haver música, pelos mesmos intérpretes, para rematar o número do Menino. No final do auto, tanto os Anjos como os Diabos se despedem a cantar. Os primeiros podem ter repetido a cantiga anterior, pois o único passageiro que transportam é aquele para quem já tinham cantado. Os Diabos, de acordo com a rubrica final, levam o Taful ao som de *ũa cantiga muito desacordada*. Resta saber se a execução dos dois temas musicais foi simultânea ou se a harmonia se seguiu à dissonância, o que seria mais previsível e é essa a ordem por que se mencionam na rubrica: *Saem-se os diabos do batel e com ũa cantiga muito desacordada levam o taful. E os anjos cantando levam o menino*. Também em *Glória* a representação termina com música adequada ao saber das almas que *fizeram em roda ũa música a modo de pranto com grandes admirações de dor*.

censura

O confronto do texto do auto nas edições de 1562 e de 1586 permite dar conta de três intervenções censórias:

Conhecias tu a Deos? perguntava o Anjo à Moça pastora. E a resposta dizia: *Muito bem. era redondo*. Em 1586, a nova resposta é escrita por quem não sabe ler: *Muito bem, em toda a parte*. Houve modificações nos versos contíguos para acertar rimas. Onde estava *o vi eu vezes avondo* passou a estar *o vi eu vezes que farte*.

Na fala da Regateira Marta Gil, que está a dizer o elogio da noite de Natal, houve o corte de cinco versos: *e a barca de Satam \ nam passa hoje ninguém \ e per força hei-d'ir além \ so pena d'escomunhão \ que posta tem*. Pode ter a ver com a menção de *pena d'escomunhão* ou com uma suspeita geral de confusão de doutrina em ponto delicado.

Da mesma ordem parece ser a emenda na fala final do auto, quando o Anjo condena a última figura: *Tafules e renegadores \ nam tem nenhum salvamento*. Em 1586, converteu-se em *Tafules e renegadores \ nam tem mui bom salvamento*, menos poético e menos ortodoxo.

A data de representação indicada em 1586 é 1517. Gralha ou correcção?

A transcrição do texto que apresento é feita da edição fac-similada da *Copilaçam* de 1562, publicada pela Biblioteca Nacional de Lisboa em 1928. Os números e letras que se encontram na margem direita indicam o início dos fólhos e colunas.

Esta segunda é atribuída à embarcação do purgatório, trata-se per lavradores. Foi representada à muito devota e católica rainha dona Lianor no Hospital de Todos os Santos da cidade de Lisboa, nas matinas do Natal. Era do senhor de 1518 anos.

Primeiramente entram três anjos cantando o romance seguinte com seus remos:

*. Remando vão remadores
barca de grande alegria
o patrão que a guiava
filho de Deos se dizia.
anjos eram os remeiros
que remavam a profia
estandarte d'esperança
oh quam bem que parecia.
o masto de fortaleza
como cristal relizia
a vela com fé cosida
todo mundo esclarecia.
a ribeira mui serena
que nenhum vento bolia.*

49c

E logo entra o arrais do inferno e diz:

*. Ah santo corpo de mi
corpo de mi consagrado
como está isto assi
sem ninguém estar aqui
neste meu porto dourado?
agora que está breado
de novo o caravelão
espalmado e aparelhado
mais largo bô quinhão
que o passado*

49d

*quanto mais se chega a fim
do mundo a todo andar
tanto a gente é mais roim
e juro ò corpo de mim
que já canso de remar.
cumpre-me d'aparelhar
um valente barinel
ou ùa nau singular
em que possa mais levar
que num batel*

*e nam remar senam tal via
e depois haver carraca
que cobiça e simonia
enveja e tirania
nenhũa delas afraca.
ala ala saca saca
à terra à terra mortais
cerrar o leme esta banda
e nam curar doutro cais
porque a lei dos mundanais
isto manda.*

Anjo . *Quem quer ir ò paraíso?
à glória à glória senhores
oh que noite pera isso
quam prestes quam improviso
sois celestes moradores.
aviai-vos e partir
que vossa vida é sonhar
e a morte é despertar
pera nunca mais dormir
nem acordar*

50a

*este rio é mui escuro
nam tendes vau nem maneira
entrai em barco seguro
havei conselho maduro
nam entreis em má bateira.
que na viagem primeira
quantos vistes embarcados
todos foram alagados
no mais fundo da ribeira
são penados*

*pois nam se pode escusar
a passada deste rio
nem a morte s'estorvar
que é outro braço de mar
sem remédio nem desvio.
e o batel dos danados
porque nasceu hoje Cristo
está c'os remos quebrados
em seco. ó descuidados
cuidai nisto*

*agora que a madre pia
frol de toda perfeição
está com tanta alegria
pedi a sua senhoria
gloriosa embarcação
que sua é a barcaçem.
pedi-lhe como avogada
per lacrimosa lingoagem
que nos procure viagem
descansada*

*fala-lhe com alegria
canta-lhe como souberes
visita a virgem Maria
nossa via nossa guia
frol de todas as molheres.
quando aqui lh'apareceres
roga-lhe que t'apareça
com piadosos poderes
por que a alma que tiveres
nam pereça.*

50b

Diabo . *Quero ora meter a vela
e deitar a prancha fora
e arrumar a caravela
e deitar do junco nela
se vier qualquer senhora.
e que é isto na mãora?
e o batel está em seco
oh renego de Zamora*

*o rio s'encaramelou
nunca tal m'aconteceu
ou bota ou bota ou
oh renego de sam Grou
e de sam Pata do céu.
arrenego eu do dinheiro
que ganho nesta viagem
arrenego da barcaçem
e do cornudo barqueiro.*

Vem um companheiro do arrais do inferno e diz:

. *Parceiro gur gur garau.*
Diabo . *Porquê?*

Companheiro . *Porque é assi.*
 Diabo . *Ora bota ou bota au.*
 Companheiro . *Eu só botara ùa nau
 com este dedo sem ti.
 mas sabe que este serão
 é pera nós grande praga
 e trabalhamos em vão
 porque a promessa d'Abraão
 hoje é a paga.*

Vem um lavrador com seu arado às costas e diz:

. *Que é isto? cá chega o mar?
 ora é forte cagião.* 50c
 Diabo . *Alto sus quereis passar?
 ponde i o chapeirão
 e ajudareis a botar.*
 Lavrador . *Da morte venh'eu cansado
 e cheo de refregéreo
 e nam posso mal pecado.*
 Diabo . *Põe eramá i o arado.*
 Lavrador . *Perém esse é gram mestéreo*
*s'eu trouguera mais vagar
 sorrira-me eu tamalavez.*
 Diabo . *E vós vilão quereis zombar
 se vos eu arrebatat.*
 Lavrador . *Dou-t'eu muito de mau mês.
 com'eu a morte passei
 logo o medo ficou finto
 enha cédola amanhei
 e meus negócios deixei
 como homem de bô retinto*
*nem fico a dever duas favas
 nem um preto por pagar.*
 Diabo . *E os marcos que mudavas
 dize: por que os nam tornavas
 outra vez a seu lugar?*
 Lavrador . *E quem tirava do meu
 os meus marcos quantos são
 e os chentava no seu?
 dize pulga de judeu:
 que lhe dezias tu er então?*

Diabo . *Foste o mais roim vilão.*
Lavrador . *Bofá salvanor salvado
vós mentis coma cabrão
quer me queirais mal quer não
nam dou por isso um cornado.*
Diabo . *Pois por que vens carregado?*
Lavrador . *Por que seja conhecido
por lavrador muito honrado
e tenho a glória merecido
que sempre fui perseguido
e vivi mui trabalhado*

*há i pesar nam de são
afício mais fortunado?*

50d

Diabo . *Pois pera que é o vilão?*
Lavrador . *Todos nós vimos d'Andrão.*
Diabo . *Pousa pousa aí o arado.*
Lavrador . *Juro a sam Junco sagrado
que te chante um par de quedas.*
Diabo . *Aqui hás-d'ir embarcado.*
Lavrador . *Vai beijar o meu bragado
antr'as sedas.*

Diabo . *Que vilão tão descortês.*
Lavrador . *E vós sois mui deneguil
dou eu já ora ò decho o frequês.*
Diabo . *Dom vilão comigo irês
onde estão de vós dez mil.*
Lavrador . *E vós dum rosto de fonil
cuidareis que sois alguém?*
Anjo . *Vinde cá homem de bem
pera onde quereis ir?*
Lavrador . *Queria passar além*

*pera a glória do senhor
samica de lá serês.*

Anjo . *E vens tu merecedor?*
Lavrador . *E que fez lá o lavrador
pera andar cá ò través?*
Anjo . *Pode ser mui austinado
e não querer-se arrepender.*
Lavrador . *Bofá senhor mal pecado
sempre é morto quem do arado
há-de viver*

*nós somos vida das gentes
e morte de nossas vidas
a tiranos pacientes
que à unhas e à dentes
nos tem as almas roídas.
pera que é parouvelar?
que queira ser pecador
o lavrador
nam tem tempo nem logar
nem somente d'alimpar
as gotas do seu suor*

51a

*n'ergueija bradam co'ele
porque assoviou a um cão
e logo a escomunhão na pele
o fidalgo maçar nele
atá o mais triste rascão.
se nam levam torta a mão
nam lhe acham nenhum dereito
muito atribulados são
cada um pela o vilão
per seu jeito*

*trago a prepósito isto
perque veo a bem de fala
manifesto está e visto
que o bento Jesu Cristo
deve ser homem de gala
e é rezão que nos valha
neste serão glorioso
que é grão refúgio sem falha
isto me faz forçoso
e nam estou temeroso
ne'migalha.*

Anjo . *Que bens fizeste na vida
que te sejam cá guiantes?*
Lavrador . *Ia ao bodo da ermida
cada santa Margaída
e dava esmola aos andantes
benzia-me pola menhã
levava o credão at'ò cabo.*
Diabo . *Depois tomavas a lã
da mais e a mais sã
e davas ò dízimo a do rabo
temporã*

*e o mais fraco cabrito
e o frangão ofegoso
com repetenado esprito.*
Lavrador . *Ó fi de puta maldito
triste avezimau tinhoso
lano pecador e errado
nam vai não me dezimei?
dize sabujo pelado.*
Diabo . *Tornaste tu o mal levado?*
Lavrador . *Si tornei*

51b

*e de tudo fiz aquesta
como homem diz avantaíro
leixei ò cura a enha besta
abonda que nem aresta
terá comigo o cossairo.
um anal e um trintaíro
com raponsos ladaínhas
a Gil fiz todo repaíro
com missas d'aniversaíro
trinta dias*

*perol que dizeis vós lá
sejo eu como deve ser
ou que modo se terá?*
Anjo . *É mui caro d'haver cá
aquele eternal prazer.*
Lavrador . *Já o eu lá ouvi dizer
perol o evangelho diz:
quem for bautizado e crer
salvus es. ora dizer
sede juiz*

*pois quia infernus es
nulla redencia há i
vede vós o que dizeis
que a mim já me pruem os pés
pera me passar daqui.*
Anjo . *Digo que andes assi
purgando nessa ribeira
até que o senhor Deos queira
que te levem pera si
nesta bateira.*

Lavrador . *Bofá logo quisera eu
que m'atromenta este arado
e dera muito do meu
pois que já hei-de ser seu
tirar-me deste cuidado.
ó mundo mundo enganado
vida de tam poucos dias
tam breve tempo passado
tu me trouveste enganado
e me mentias.*

51c

Diabo . *Ind'esta barca nam nada
que festa esta pera mi
nunca tal balcarriada
nem maré tam desestrada
nesta ribeira nam vi.*

Vem ãa regateira per nome Marta Gil e diz:

. *Ui e que ribeiros são estes?*
Diabo . *Venhais embora Marta Gil.*
Marta Gil . *E donde me conhecestes?*
Diabo . *Folgo eu bem porque viestes
oufana e dando ò quadril.*
Marta Gil . *Vedes outro perrexil
e marinheiro sodes vós
ora assi me salve Deos
e me livre do Brasil
que estais sutil*

*em que eu seja lavradora
bem vos hei-de responder.*
Diabo . *Nam vos agasteis vós ora
que ou lavradora ou pastora
aqui vos hei-de meter.*
Marta Gil . *Ui mana e quem no deu
ide beber
que bem vos conheço eu.*
Diabo . *E eu também vos sei nacer
e vi fataxas fazer
que o que trazeis é meu
e há-de ser.*

Marta Gil . *E que cousas são fateixas?
fateixado te veja eu.*
Diabo . *Os feitos que feitos leixas
e o povo cheo de queixas.*
Marta Gil . *Cal-te almáreo de judeu.*
Diabo . *Nam sabes tu que viveste
lavradora e regateira?*
Marta Gil . *Ora comêde-la que vos preste
ui e que gaio é ora este
de ribeira*

51d

*sabedes vós João Corujo
todos fazem seu proveito
olhade o frei caramujo
bargante que nam tem cujo
quant'a agora é o feito feito.
nam sabes tu que o respeito
do mundo é em ganhar
e sobr'isso é seu proveito
ou a torto ou dereito
apanhar*

*fui em tempo de cobiça
cada tempo sua usança
s'eu morrera de preguiça
tiveras muita justiça
e eu pequena esperança.
vendia minha lavrança
um ovo por dous reais
um cabrito se s'alcança
té quatro vinténs não mais
tendes vós isto em lembrança?*

*um frangão por um vintém
e ùa galinha sessenta
e acerta-se também
que às vezes vem alguém
que as leva por setenta.*
Diabo . *E pera que era ágoa no leite
que deitavas ieramá?*
Marta Gil . *Mas azeite
ind'hoje o ele dirá
vistes ora o diabreite*

*ò diabo visses tu
bofé asinha o eu direi
como é palreiro Jesu
fora este cucurucu
bom sacretário d'el rei.
amanhade-lhe o atafal
nadar patas patarrinhas
corregede-lhe o enxoval
onças de raiva mortal
nas badarrinhas.*

52a

Diabo . *Valha-te a ti Marta amiga
que estamos enfeitiçados.*
Marta Gil . *Embarcade lá esta figa.*
Diabo . *Passará esta fadiga
seremos desembargados.*
Marta Gil . *Anjos bem aventurados
meterei o canistrel
que trago os testos britados
carregam estes pecados
que fazem lançar o fel
a bocados.*

Anjo . *E pera que eram eles cá?*
Marta Gil . *Pera o demo. e que sei eu?*
Anjo . *Ora pois embarca lá.*
Marta Gil . *Melhor creio eu que será
Jesu Jesu benzo-m'eu.
ó bento Bertolameu
e vós virgem do rosairo
polo filho que Deos vos deu
esta noite vosso e seu
haja repairo*

*bem sabedes vós senhora
que venho eu manifestada
e fui vossa lavradora
em que pecasse algũa hora
venha a piadosa alçada.
esta é a noite que paristes
benta a hora em que nacestes
esqueçam meus males tristes
polo menino que vestistes
e embolvestes*

*anjos ajudade-me ora
que vos veja eu bem casados
nam me deixedes de fora
por aquela santa hora
em que todos fostes criados.*

Anjo . *Não é tempo cá d'orar
quant'há pera merecer.*

Marta Gil . *Manos eu quero provar
que em todo tempo há lugar
o que Deos quer*

*e este serão glorioso
nam é de justiça nam
mas todo mui piadoso
em que nasceu o esposo
da humanal geração.
e a barca de Satam
nam passa hoje ninguém
e per força hei-d'ir além
so pena d'escomunhão
que posta tem.*

Anjo . *Grande cousa é oração
purga ao longo da ribeira
segura de danação
terás angústia e paixão
e tormento em grã maneira.
isto até que o senhor queira
que te passemos o rio
será tua dor lastimeira
como ardendo em grão brasio
de fogueira.*

Marta Gil . *Ó esperança esperança
a mais certa pena minha
com toda esta segurança
tu és a mesma tardança
em figura de mezinha.
oh quem tal arrepender
tal maneira de penar
lá soubesse no viver
oh quem tornasse a nascer
por nam pecar.*

Vem um pastor e diz olhando pera a barca do ãmigo:

52c

*. Isto é cancelo ou picota
ou sonefica algorrém
não lhe marra ela aqui gota
de ser isto terremota
pera enforçar alguém.*

Diabo . *Queres embarcar pastor?*

Pastor . *Praz.*

Diabo . *Entra neste batel.*

Pastor . *Irra pulha é isso salvaror
s'eu nam fora pulhador
j'ela passava o burel*

*digo senhor pesadelo
vós sabereis isto bem
estando em Val de Cubelo
deu-me dor de cotovelo
emperol morri perém.
e fui-me per esse chão
a Deos douche alma dizer
com meu cacheiro na mão
sem sóis motrete de pão
nem fome pera o comer
se vem à mão*

*e vinha ora bem descado
de topar mar nem marinha
avonda espantelho honrado
ao morrer deixei o gado
e ò amo e quanto tinha.
se não anda que te vás
enha mãe nega gritar
e chorar que chorarás
agora quero passar
perém nam me levarás.*

Diabo . *Por quê?*

Pastor . *Sois busaranha
e mais fede-vo-l' o bafo
e jogatais de gadanha
e tendes modão d'aranha
e samicas sereis gafo.*

Diabo . *Gafo eu?*

Pastor . *Abém*

*nam hei-d'ir pera cajuso
em que me custe algorrém
chinfrão ou meo vintém
ir dereito como o fuso
pera além.*

52d

Diabo . *Dize rústico perdido
fizeste tu por saber
o pater noster comprido?*
Pastor . *E pera que era ele sabido?*
Diabo . *Porque o havias de dizer.*
Pastor . *A quem?*
Diabo . *A quem te criou.*
Pastor . *Al tem ele que comer.*
Diabo . *Nam fizeste o que mandou.*
Pastor . *Calai-vos senhor Jão Grou
já sei quem m'há-de levar
sei quem sou*

*esta noite é dos pastores
e tu decho estás em seco
e salvam-se os pecadores
criados de lavradores
e tu estás coma peço.*

Diabo . *Digo-te pastor amigo
que foste grão pecador.*
Pastor . *Senhor tartarugo digo
que mentis como bestigo
salvanor*

*fala em tua menencórea
e nam fales em passar
e conta lá outra história
porque em festa de tal glória
nam hás ninguém de levar.
ronca. qués tu pôr começo
algorrém pera beber
que vens de casta de pego
e neto dalgum morcego
pardicas nam pode al ser.*

Diabo . *Nam estou em meu poder
pera me vingar de ti.*
Pastor . *Nam podes nada fazer
na noite que quis nacer
Cristo filho de Davi.*

Diabo . *Quem te pôs no coração
falares cousa tam boa
que tu nam tens descrição?*
Pastor . *E quem te deu a ti lição
de ser tam roim pessoa?*

Anjo . *Pastor tu queres passar.*
Pastor . *Este é melhor artesão.*
Anjo . *Folgarei de te levar
se te ajuda o bem obrar
que as obras remos são.*
Pastor . *Enha mãe m'obra dará
que fica no saimento
e o raponso do mamento
e tudo s'a Gil fará
com bom tento.*

Anjo . *Morreste tu bom cristão?*
Pastor . *Que sei eu que vós dizeis.*
Anjo . *Dize ora o crieleisão
quirieleyson christeleysão.*
Pastor . *O pater noster quereis
já eu soube bom quinhão dele
no santo faceto andei já
e nunca me dei per ele
e a ave-maria a par dele
soube eu lá já tempos há*

*e fui assi per ela andando
nos intes vitus cajuso
ali andav'eu sandejando
esvaecendo e cansando
entam dei à treva o uso.
assaz avonda ao pastor
crer em Deos e não furtrar
e fazer bem seu lavor
e dar graças ao senhor
e fogir de não pecar*

*e crer na igreja assi junta
com paredes e telhados
aliceceres e furados
e nam curar de pergunta
e dar ò demo os pecados.*

*eu nunca matei nem furtei
nega uvas algũa hora
nem nunca xeremiquei
nem xeremicos falei
como lá se usa agora.*

Diabo . *Vai vai cantar à gamela
nam andavas tu namorado
perdido por Madanela?*

Pastor . *E pois que lhe fiz a ela
pera dizer que é pecado?
ũa vez armei-lhe o pé
na chacota em Vilarinho
e ainda pola abofé
Costança Anes que viva é
me meteu naquele alinho.*

Diabo . *Nam na foste tu esperar
pera a danares vilão?
e começou de bradar
que a querias forçar.*

Pastor . *Ó fi de puta cabrão
quisera eu e ela não
porque a trêdora foguei
e se isto assi foi ladrão
que pecado se seguiu
pois nam houve concrusão?*

*juro ao corpo verdadeiro
que tu te podes gabar
que casado nem solteiro
nam anda tam vil barqueiro
sobolas ágoas do mar.
soma Anjo eu m'enfestei
abarrúncio Satanás.*

Anjo . *Faze o que t'eu direi
e depois embarcarás
e eu mesmo te passarei*

*purga ao longo do rio
em grão fogo merecendo.*

Pastor . *E quando parte o navio?
senhor s'eu nam tenho frio
pera que hei-d'estar ardendo?*

Vem ãa pastora menina e temendo a visãõ do ãmigo que lhe apareceu na morte diz:

*. Jesu Jesu que é ora isto?
ave Maria ave Maria
qu' é do meu cãõ qu' eu trazia?
ó chagas de Jesu Cristo
vão em minha companhia.
eu sonho triste de mi
oh coitada como tremo
minha mãe valei-me aqui
que quando de vós parti
nam cuidei d' achar o demo*

*mais angústia é o temor
do ãmigo que o da morte
tomo a Deos por valedor
pois me cortas e dás dor
má mazela que te corte.*

Diabo . *Mochacha venhas embora.*
Moça . *Mas na negra pois te vejo
oh desaparece-me ora
que faleci ind' agora
em mui perigoso ensejo*

*porque era moça e cuidei
que da velhice gouvira
e com tal dor acabei
que de mi parte nam sei
nem tenho ponta de sira.
nam sei quem m' há-d' ajudar
nam sei quem m' há-de valer
nam sei quem m' há-de passar
nam sei se m' hãõ-de matar
outra vez ou que há-de ser*

*tir-te diante de mi
verei os anjos de Deos.*

Diabo . *Entrai vós filhinha aqui.*
Moça . *Oh cal-te triste de mi.*
Diabo . *Eu vos levarei aos céus
entraí minha Policena
nam temais nada senhora.*
Moça . *Arre lá uxe morena.*
Diabo . *Ó minha rainha Ilena
entraí e vamo-nos ora.*

53d

Moça . *Cal-te cal-te na màora
cuidas que m'hás-d'enganar
porque assi me vês pastora.*
Diabo . *Entraí minha matadora
pois que Deos vos quis matar.*
Moça . *Nam vedes vós o quebranto
que se quer pôr em feição?*
Diabo . *Olhai flores nam m'espanto
que me digais sete tanto
padeça meu coração*

*o porvir e o presente
senhora por concurião
nam quero de vós somente
senam dardes-me essa mão
se disso fordes contente.
e se m'eu gabar de vós
má pesar veja eu de mi
e iremos ambos sós
onde estão vossos avós
ora entraí ireis aqui.*

Moça . *Jesu Jesu raiva na casta
comendo ò decho a amargura
mãe de Deos como m'agasta
má ravugem na tarasca
espezinhada triste escura.*
Anjo . *Leix' -ò pastora vem cá.*
Diabo . *Como estou hoje mofino
e sem dita ieramá
mas algum dia virá
qu'eu estarei mais fino.*

Moça . *Ó anjos minha alegria
vista de consolação
por virtude e cortesia
ensinai-me per que via
passarei à salvação.*
Anjo . *Conhecias tu a Deos?*
Moça . *Muito bem. era redondo.*
Anjo . *Esse era o mesmo dos céus.*
Moça . *Mais alvinho qu'estes véus
o vi eu vezes avondo*

54a

*como o sino começava
 logo deitava a correr.*
 Anjo . *Que lhe dezas?*
 Moça . *Folgava
 e toda me gloriava
 em ouvir missa e o ver.*
 Anjo . *Pastora bom era isso.*
 Diabo . *Era a mor mexeriqueira
 golosa que d'empvviso
 se não andavam sobre aviso
 lá ia a cepa e a cepeira*

*e mais quereis que vos diga
 é refalsada e mentirosa.*
 Moça . *Era ainda rapariga.*
 Diabo . *Se tu foras minha amiga
 eu me calara tinhosa.*

 Moça . *Ó anjos levai-me já
 tirai-me deste ladrão.*
 Anjo . *Nam podes ainda ir lá.*
 Moça . *Tam moça hei-de ficar cá?
 nam parece isso rezão.*
 Anjo . *Vai ao longo desse mar
 que é praia purgatória
 e quando a Deos ordenar
 nós te viremos passar
 da pena à eterna glória.*

Vem um menino de tenra idade e diz:

*. Mãe e o coco está ali
 querês vós estar quedo co'ele?*
 Diabo . *Passa passa tu per i.*
 Menino . *E vós quereis dar em mi
 ò demo que o trouxe ele.*
 Diabo . *Bé.*
 Menino . *Filho da puta.*
 Diabo . *Vós estais muito garrido
 tirar-vos-ão dom perdido
 dos olhos a marmeluta.*

 Menino . *Eu vos tomarei a vós
 à porta de minha tia
 entonces veremos nós
 os cães de vossos avós
 que estavam na mancebia.*

54b

Diabo . *Bé.*
Menino . *Mãe s'ele quer-me comer
e meu pai nam vos dará.*

Diabo . *Bé.*
Menino . *Dona se lho eu disser
e ela matar-vos-á
entam ireis a morrer.*

Diabo . *Bé.*
Menino . *Aquele s'eu chamar
o nosso Joane.*

Diabo . *Bé.*
Menino . *Nam querês senam berrar?*

Diabo . *Onde há-d'ir ou pera quê?*

Menino . *Fica minha mãe chorando
só porque m'eu vim de lá.*

Anjo . *Mas fica desvariando
que tu és do nosso bando
e pera sempre será*

*fez-te Deos secretamente
a mais profunda mercê
em idade de inocente
eu nam sei se sabe a gente
a causa por que isto é.*

Cantando metem os anjos o menino no batel e entra um taful e diz o diabo:

*. Ó meu sócio e meu amigo
meu bem e meu cabedal
vós irmão ireis comigo
que nam temestes o perigo
da viagem infernal.*

Taful . *Eis aqui flux dum metal.*

Diabo . *Pois sabe que eu te ganhei.*

Taful . *Mostra se tens jogo tal.*

Diabo . *Tu perdes o enxoval.*

Taful . *Não é isto flux com rei.*

54c

Diabo . *Baralha o jogo e partamos.*

Taful . *Paga qu'eu nam jogo em vão.*

Diabo . *Lá no frete descontamos
quer ganhemos quer percamos
tudo nos fica na mão.*

Taful . *Muito m'agasto eu aqui
que tu tens mui mau sembrante
e pareces-me em fim
por da ré muito roim
e malino por d'avante.*

Diabo . *Mas tornemos a jugar
porque tenho saudade
de te ouvir arrenegar
e descrer e brasfemar
do mistério da Trindade.*

Taful . *Aramá como tu falas
tam senhor desta alma minha.*

Diabo . *Não sei como agora calas
renegando a soltas alas
de Deos e da ladaínha*

*este dia e as oitavas
por paços salas e cantos
oh quanta glória me davas
quando à hóstia blasfemavas
e desonravas os santos.*

Taful . *Quant'eu sempre ouvi dizer
quem bem renega bem crê.
isto vos faço eu saber
e quando isto nam valer
entraremos por mercê*

Vai-se à barca do paraíso e diz:

*haverá cá piedade
dum homem tam carregado?*

Anjo . *Mas enfinda crueldade
que ofendeste a majestade
renegando seu estado.*

Taful . *Vedes qu'estava ocupado
na grã perda que perdia.*

Anjo . *E Deos que culpa t'havia
taful mal aventurado
sem valia?*

*renegar tam feramente
da emperatriz dos céus
ó pranta de má semente
arderás no fogo ardente
com toda a ira de Deos.*

54d

Taful . *Má nova é essa pera mim
se assim for como dizês
digo que eramá cá vim
porém esperai-me assi
falarei tamalavez.*

*Deos nam quis hoje nacer
por remir os pecadores?*

Anjo . *E pois que queres dizer
que só c'ò seu padecer
se salvam renegadores?*

Taful . *A pernetá me forçou
que era senhora de mi.*

Diabo . *Mente que ele s'encrinou
nunca estrela renegou
nem tal há i*

*sempre jugava o fidalgo
bispo escudeiro ou que é.*

Companheiro . *Mestiço de cão e galgo.*

Anjo . *Tomai-o dai-lhe de pé.*

Diabo . *Nosso é.*

Taful . *Estai ãmigos. senhores
deste santo nacimiento
nam terei alguns favores?*

Anjo . *Tafules e renegadores
nam tem nenhum salvamento.*

*Saem-se os diabos do batel e com ãa cantiga muito desacordada levam
o taful. E os anjos cantando levam o menino e fenece esta segunda
cena.*

Fim.

leituras

Para além do folheto quincentista registado no catálogo de Hernando Colón, sabe-se da existência de mais três edições antigas, uma do século XVII, impressa na oficina da Universidade de Évora em 1671, e duas do século XVIII, ambas impressas em Lisboa: uma em 1715, por Bernardo da Costa e outra em 1722, na oficina de Francisco Xavier de Andrade.

Em 1766, imprimiu-se, também em Lisboa, na oficina de Francisco Borges de Sousa, um folheto de oito páginas intitulado *Arrenegos que fez Gregório Afonso, criado do Bispo de Évora, com outros Arrenegos de Gil Vicente de Lisboa, novamente impressos*. O texto atribuído a Gil Vicente encontra-se na coluna b da página 7 e nas duas colunas da página 8 e tem a seguinte introdução: *Arrenego do barqueiro do Inferno novamente trovados por Gil Vicente de Lisboa*.

Trata-se de uma glosa a alguns versos do poeta. Com efeito, apenas são reconhecíveis fragmentos de versos de Gil Vicente. A temática é tomada de *Purgatório: Pois o rio vai tão mal \ e a barca tão vazia* e é pretexto para uma série anafórica de Arrenegos que são memórias de uma fala do Diabo neste auto:

1518/1562

*e o batel está em seco
oh renego de Zamora*

*o rio s'encaramelou
nunca tal m'aconteceu
ou bota ou bota ou
oh renego de sam Grou
e de sam Pata do céu.
arrenego eu do dinheiro
que ganho nesta viagem
arrenego da barcagem
e do cornudo barqueiro.*

1766

*arrenego do caravelão
que sempre está em seco*

*arrenego do dinheiro
que ganho nesta viagem
arrenego da barcagem
e do malvado barqueiro.*

Não tenho notícia de nenhuma edição solta feita no século XIX. No século XX, a primeira edição autónoma do texto do auto é esta que atrás apresento.

Referências

- Arthur L.- F. ASKINS
1986 «The *Pliegos Suelos* of the Biblioteca Colombina in the Sixteenth Century: Notes to an Inventory»
Romance Philology 39
Berkeley: University of California Press
- Mário CARMONA
1954 *O Hospital Real de Todos-os Santos da Cidade de Lisboa*
Porto
- Manuel da Costa FONTES
1984 «*Barca Bela* in the Portuguese Oral Tradition»
Romance Philology 37
Berkeley: University of California Press
- Anselmo Braamcamp FREIRE
1919 *Vida e Obras de Gil Vicente «Trovador, Mestre da Balança»*
1944 segunda edição
Lisboa: Ocidente
- Mário MARTINS
1969 *Introdução Histórica à Vidência do Tempo e da Morte* 2
Braga: Livraria Cruz
- J. I. de Brito REBELLO
1912 *Gil Vicente (1470(?) - 1540(?))*
Lisboa: Ferin
- Stephen RECKERT
1977 *Espíritu y Letra de Gil Vicente*
Madrid: Gredos
- Luciana STEGAGNO-PICCHIO
1988 «Per una semiologia dell' aldilà: l'idea di Purgatorio in Gil Vicente»
Homenaje a Eugenio Asensio
Madrid: Gredos
1992 tradução portuguesa
«O Purgatório de Gil Vicente: estado ou lugar?»
Temas Vicentinos
Lisboa: Teatro da Cornucópia / ICALP